

AMÉRICA LATINA – UMA SÓ NAÇÃO

LUIZ ARTHUR CORRÊA DORNELLES

RESUMO

O Brasil está empenhado num gigantesco esforço de transformação, que tem por objetivo o bem-estar e a prosperidade do povo latino-americano, dentro da marca de uma democracia social, baseada no respeito aos direitos humanos e na livre iniciativa. A força e a tradição das relações do Brasil com os países latino-americanos, a capacidade imaginativa dos nossos povos, tradições comuns, as vicissitudes da conjuntura, a semelhança da nossa visão da ordem internacional, e as medidas para aperfeiçoá-la conduzem à intensificação de nossas relações multilaterais.

Vive o mundo momentos difíceis, pela conjugação de uma profunda crise econômica, com o aumento das tensões políticas em nível mundial e regional em uma conjuntura, extremamente, desfavorável, tendo os países latino-americanos importante papel ao reafirmar, nos mais diversos foros, e nas mais variadas oportunidades, sua adesão ao diálogo e ao processo de cooperação.

Esta atitude é, particularmente, necessária nestes tempos em que a humanidade se vê ameaçada pela desordem do sistema produtivo, pela diminuição (ou decréscimo) do comércio internacional, e pela queda dos níveis de bem-estar.

O desequilíbrio crescente, entre países em desenvolvimento e países desenvolvidos, requer uma ação imediata, não tão somente porque representa flagrante injustiça, mas também porque afeta o progresso de toda a humanidade, transformando-se em fator de entorpecimento (desaquecimento) das economias dos países desenvolvidos, igualmente.

Os países em desenvolvimento não podem arcar com o maior peso da presente crise, até porque não são os principais responsáveis por ela. Sujeitarmo-nos a maiores sacrifícios impostos pelo desajuste internacional representa graves riscos, até para aqueles que se acreditam, de forma ilusória, beneficiados pelas estruturas vigentes.

O equilíbrio e a austeridade não podem ser obtidos à custa do crescimento econômico, nem da asfixia do aparelho produtivo, dos quais dependem o bem-estar e a estabilidade social das nossas populações. Não podemos aceitar a queda indefinida dos níveis de comércio internacional e do intercâmbio que, a duras penas, conseguimos criar entre os países latino-americanos. A manutenção do crescimento das nossas economias é fator importante, para o reescalamento da economia regional e mundial sobre bases duradouras.

* Prof. Titular do Dep. de Ciências Econômicas, Administrativas e Contábeis.

Esforços unilaterais e desordenados não nos levarão à recuperação, pois se a interdependência é real, é necessário reconhecê-la em toda a sua magnitude, e em todas as suas derivações. Não será estável o sistema econômico, no qual tantas das suas parcelas estão submersas na incerteza, e assoladas por males de toda a espécie (índice).

Os países em desenvolvimento aguardam, ansiosamente, os sinais da disposição das nações desenvolvidas, para buscar soluções globais para a crise atual. A presença entusiasta e o espírito de conciliação com que representantes do mundo em desenvolvimento acudiram (acorreram) à reunião de Cancún demonstraram, o muito, que se poderia fazer no âmbito Norte-Sul, caso houvesse compreensão para o verdadeiro sentido desse diálogo e vontade política para atingir seus objetivos.

Desde a reunião em Cancún até hoje, lamentavelmente, o diálogo entre o Norte e o Sul só retrocedeu. A crise continua seu doloroso trajeto, passando de comercial à financeira, em eloqüente testemunho da inter-relação entre os diversos aspectos do sistema econômico global, e da fragilidade dos mecanismos de cooperação multilateral.

Para o bem de todos, é premente a tarefa de elevar a cooperação internacional para o desenvolvimento, em particular para o reforço das instituições financeiras e pela abertura de espaços nos mercados internacionais, para os produtos exportados pelos países em desenvolvimento.

É evidente, que a organização da vida econômica internacional, trazida pelo grande esforço de reconstrução empreendido depois da segunda guerra mundial, exige um profundo estudo crítico, com vistas à sua adaptação a novas realidades e a um momento histórico diferente. É necessário que tenhamos, as nações desenvolvidas e as nações em desenvolvimento, a humildade e o valor de reconhecer as falhas e as insuficiências do atual sistema e de buscar, em novos mecanismos ou em novas instituições, os instrumentos do equilíbrio, do progresso e do bem-estar da humanidade.

A transferência de tensões dos países do terceiro mundo perturba os esforços para resolver os problemas, que pesam sobre os povos desses países.

A generalização das tensões bloqueia o diálogo e cerceia as iniciativas mais construtivas, voltadas à constituição de uma ordem internacional justa, mediante o fortalecimento dos princípios da autodeterminação dos povos, igualdade soberana dos estados e não-intervenção.

A situação da América Central é prova concreta da necessidade de uma ordem internacional, cenário de convulsões cujas causas encontram-se na História, em estruturas economicamente desequilibradas e socialmente injustas, já que a região não pode ser considerada, tão somente, sob o ângulo de confrontação ideológica, ou no recurso de soluções de força.

Agora, que tantas propostas de paz e conciliação estão formuladas, é urgente criar condições, para que os países centro-americanos possam, soberanamente, alinhar-se no esforço para deter a violência e a destruição. Para isso, poderão eles contar com a solidariedade de todos os seus irmãos latino-americanos.

É rica a tradição da nossa região na solução pacífica de controvérsias, e na

consideração prudente e hábil, madura e eficaz de problemas políticos. Julgo, que a crise centro-americana, muito poderia beneficiar-se de um esforço amistoso e coordenado, principalmente, por países latino-americanos que, em virtude dos seus contatos mais intensos e sua proximidade geográfica, possuem melhores condições, para contribuir no encontro de soluções adequadas, quanto aos problemas da América Central.

O Brasil está empenhado num gigantesco esforço de transformação, que tem por objetivo o bem-estar e a prosperidade do povo, dentro da marca de uma democracia social, baseada no respeito aos direitos humanos, e na livre iniciativa.

A realização dos nossos objetivos necessita de um clima internacional, propício à paz e ao desenvolvimento.

A força e a tradição das relações do Brasil com os países latino-americanos, a capacidade imaginativa dos nossos povos, tradições comuns, as vicissitudes da conjuntura, a semelhança da nossa visão da ordem internacional, e as medidas para aperfeiçoá-la conduzem à intensificação de nossas relações multilaterais. O programa é claro: estreitar as relações multilaterais no campo econômico, como instrumento para atenuar os efeitos da crise; buscar novas fórmulas, sem preconceitos, nas áreas que se abrem para a cooperação multilateral e dar maior valor ao diálogo político. Em síntese criar um novo horizonte diplomático entre os países, que constitua uma resposta adequada ao desafio do nosso tempo.

Tenho a segurança e a certeza de que estamos à altura desse desafio.

Em anos recentes, os países latino-americanos se beneficiaram pela trajetória segura de aproximação e diálogo, intensificadas por visitas e contatos do mais alto nível.

Ampliou-se o intercâmbio econômico e estabeleceram-se novas áreas de cooperação. Criaram-se laços de complementariedade, entre os setores produtores (produtivos) nossos produtos primários são intercambiáveis.

Se hoje esse intercâmbio está prejudicado por fatores alheios à vontade dos nossos países, cabe-nos recobrar os níveis anteriores, através de formas criativas e sistemáticas.

A recuperação dos níveis do comércio multilateral, além de demonstrar a capacidade latino-americana de enfrentar dificuldades, servirá como exemplo das possibilidades de intercâmbio entre países em desenvolvimento.

Cabe-nos, igualmente, impulsionar a cooperação técnica, a formação de recursos humanos e o intercâmbio cultural e científico, bem como fazer pleno uso da importante estrutura jurídica que fundamenta nossas relações.

Este esforço de entendimento multilateral se complementará com a decisão de intensificar o, já existente, diálogo político entre nossos países. Deve, porém (todavia), instituir-se um mecanismo de consultas sobre temas de interesse recíproco (mútuo), entre os países latino-americanos, aperfeiçoaremos, dessa forma, nossa compreensão das questões, que nos afetam diretamente e a nosso continente.

Temos muito o que fazer em tempo de crise. Nossa tarefa coloca-se sob o signo da urgência.

A superação da crise far-se-á por intermédio da conquista de novos equilíbrios, baseados no crescente respeito aos valores fundamentais da humanidade, entre eles, a preservação das identidades culturais e nacionais.

Animado pelo espírito de amizade, admiração e confiança, convido a todos os latino-americanos que se unam pela prosperidade das nações latino-americanas, pela amizade e cooperação entre nossos povos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CEPAL, *Anuário estadístico de América Latina*. Santiago, 1985.

JAGUARIBE, Helio. *Desarrollo económico y desarrollo político*. Buenos Aires, Ed. Universitaria, 1964.

SEMINÁRIO SOBRE ECONOMIA NA DESCOLONIZAÇÃO AMERICANA. Faculdade de Ciências Econômicas e Empresariais da Universidade Complutense de Madrid Prof. Dr. Carlos Rodriguez Braun, 1986/1987.

TOMASSINI, L. Elementos para un estudio sobre los procesos de integración y otras formas de cooperación en América Latina. *Comercio Exterior*, 2, feb. 1977.